

Pais impedem filhos de frequentar a escola

JOCAS ACHAR

ALGUNS pais e encarregados de educação estão a impedir os filhos de frequentar a escola em muitas comunidades do distrito de Namacurra, na província da Zambézia.

O assunto foi despoletado pelos próprios professores e depois confirmado pelo secretário-geral da Associação de Naturais e

Amigos de Namacurra Residentes em Quelimane (ANANARO), Marques Picial, durante as celebrações do 48.º aniversário de elevação de Namacurra à categoria do distrito, recentemente assinalado.

Marques Picial disse que um dos principais desafios para relançar o desenvolvimento de Namacurra prende-se com o capital humano, porque em muitas comunidades há crianças que nascem e crescem sem nunca ter posto os pés na escola, como consequência da proibição dos pais e encarregados de educação.

Segundo Marques Picial, a liderança da associação está muito preocupada, porque não são só os pais não deixam as crianças estudarem, como também aqueles que estando no sistema de educação encaram o ensino e formação como um factor secundário, situação que pode perpetuar a pobreza das famílias e impedir que as



Algumas comunidades em Namacurra ainda têm dificuldades em deixar os filhos irem à escola

crianças tenham oportunidades para poderem responder às suas aspirações. Sem indicar nomes das comunidades, o nosso interlocutor descreveu a atitude dos pais e encarregados de educação como grave, preocupante e inadmissível no actual contexto em que diferentes segmentos sociais e o próprio governo estão a fazer grandes investimentos para a construção de infra-estruturas melhoradas, alocação do livro escolar e afectação de professores para servirem de modelo para as raparigas.

O entrevistado disse que neste momento a associação está a fazer um trabalho de levantamento para apurar as reais causas deste fenómeno nas comunidades, prometendo pronunciar-se nos próximos tempos sobre o assunto, mas asseverou que os casamentos prematuros, negócios e trabalhos

agrícolas estão entre os factores que levam os pais a impedir os filhos de estudar.

Entretanto, alguns professores afirmaram que com a excepção da vila sede-distrital, o resto das comunidades não querem levar os filhos à escola, com os pais e encarregados de educação a defenderem que quanto maior é o número de braços a trabalhar, a família tem mais rendimentos.

Um professor que trabalha na Escola Primária de Forquilha, disse, por exemplo, que tem sofrido vexames com os alunos, pais e encarregados de educação quando tenta impor a ordem. Explicou que as crianças deveriam estar nas salas de aula às 06:45 horas, mas só aparecem às nove e ainda assim quando entendem abandonam a sala no meio da explicação do professor.

Uma outra entrevistada referiu ainda que há situações de crianças que se dirigem à sala de aulas cantando canções em Chuabo, que quando traduzido para a língua portuguesa quer dizer o seguinte: "você não vão conseguir moldar-nos, nós nascemos assim mesmo."

Para os professores, este tipo de comportamento não pode ser só da iniciativa das crianças. Acreditam que há-de contar com um forte apoio dos próprios pais.

Entretanto, Leão Cunha, pai e encarregado de educação, disse ter acompanhado o cenário da desmotivação das crianças pelos pais nas comunidades localizadas em Mixixine, Forquilha, Malingueni e outras regiões. Lamentou tal postura.

Por seu turno, o Director dos Serviços Distritais de Educação

Juventude e Tecnologia, Jójó Ma-fuca, confirmou haver um número significativo de crianças que estão fora do sistema educativo. Aquele responsável acrescentou que depois das calamidades naturais de 2015, os pais e encarregados de educação em Lugela tinham sido transferidos para uma região segura, mas acabaram regressando devido às actividades agrícolas, incluindo as crianças. "Temos orientações de que as escolas devem estar em locais seguros como forma retirar a população que insiste em ficar nas zonas de riscos", disse para depois sublinhar que as autoridades governamentais estão a trabalhar com a Associação Moçambicana de Mulheres na Educação, RIGHT TO PLAY e conselhos de escolas na mobilização dos pais para valorizarem a escola.